



O Ser e o Fazer Social

SOcial é uma palavra pronunciada muitas vezes, mas em conceitos que enchem um leque aberto de 180°. Temos de utilizá-la frequentemente, que o dicionário não é pródigo em sinónimos que apertem a compreensão do conceito em vias de uma definição mais rigorosa. Mas nós, cristãos, temos de afinar este conceito, não por ideias em voga vindas de qualquer fonte, mas indo à Fonte que é a Revelação concluída nos Apóstolos de Jesus Cristo, mas continuada em esforço de entendimento mais abrangente e mais profundo e de aplicabilidade pela Sua Igreja. A Teologia é, pelo menos, tão viva e ansiosa de progresso como qualquer outra ciência. E digo pelo menos, pensando que é mais,

porquanto o seu objectivo é a Verdade, meta global onde caberão todos os autênticos achados do saber humano.

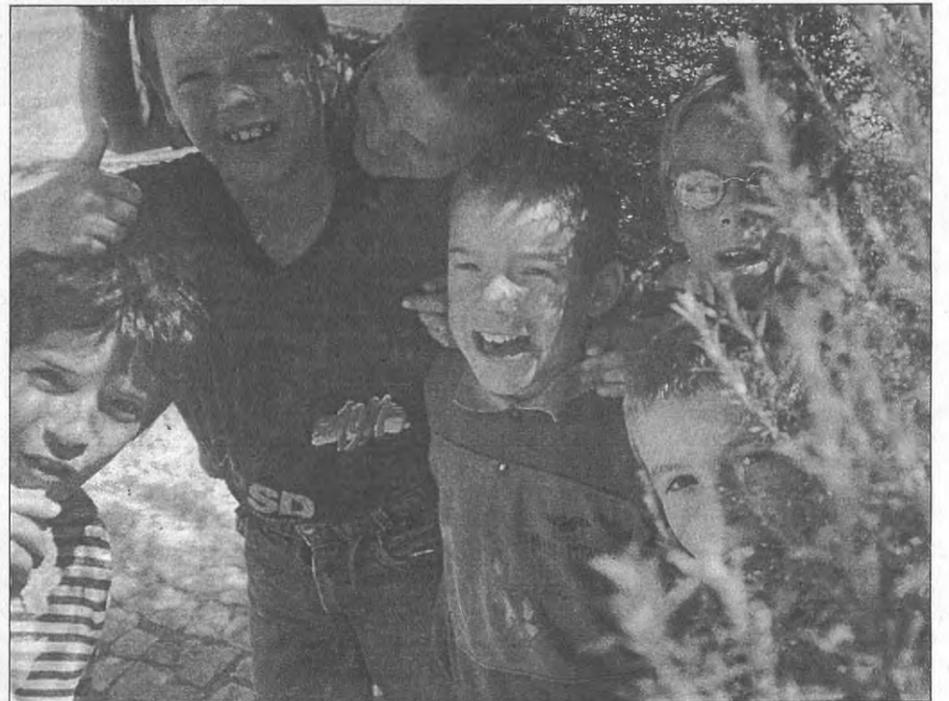
E a Fonte é o próprio Deus. Ele é o modelo perfeito de Sociedade... Três Pessoas distintas partilhando a mesma e única Natureza; e o Seu Nome é Amor. Onde uma sociedade em que entre os seus elementos o vínculo seja o amor, aí estará a justiça na partilha dos bens e a paz na relação entre todos.

E onde se encontra uma sociedade assim?... Pois, rareia... — e tal denuncia o grande pecado da Humanidade, que se paga caro pelo preço de muitas injustiças, de um estado quase permanente de «guerras» a todos os níveis das sociedades dos homens.

Porque mandou o Mestre aos Seus discípulos «ser sal da Terra e luz do Mundo»? Justamente para que contrariem este desvio da Humanidade, iluminando-a pela palavra e pelas suas vidas, para que regresse ao Modelo Divino a cuja imagem fomos feitos.

Este — julgo — é o primeiro passo, indispensável à dinamização de outros a dar, que compete aos discípulos conscientes da Vontade e da Presença garantida do seu Mestre. Antes do fazer social temos de ser na Sociedade uma grande força impulsionadora, como é próprio das forças, mas atentos a qualquer aliança que comprometa a única em que nos queremos apoiar: «a Justiça do Reino de Deus

Continua na página 4



Eles são da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo

TRIBUNA DE COIMBRA

Peregrinar

PARECE-ME ter sido a grande ideia mobilizadora da Igreja neste Ano Jubilar. É interessante porque a ideia da peregrinação ajusta-se bem à nossa experiência humana, pessoal e colectiva. Ora um dos traços característicos da peregrinação é a experiência do desconforto e da provisoriidade. A cada etapa da caminhada, outra surge como desafio até chegar ao fim.

A experiência bíblica é um referencial absoluto. De Abraão, o Grande Peregrino de Deus, até Jesus de Nazaré, há uma tensão histórica permanente. Ficou para a Igreja o testemunho e apelo de Jesus: «Segue-me!» É o Evangelho! O Evangelho é essa fonte de tensão e apelo a ser peregrinos. Peregrinos; não alienados. O alienado está em lado nenhum; o peregrino, não. Sem perder o seu horizonte, enquanto caminha, aprecia, agradece, retribui, pára, escuta, ajuda; está. O peregrino é um caminhante que não recua. A sua vida é uma vida sempre em aberto à novidade dos homens de Deus.

Será por causa desta bela ideia que tantas celebrações jubilares têm sido tão concorridas? Acreditamos que sim. Quer dizer então que a seguir ao jubileu, se abrem mais e maiores horizontes à fé e ao compromisso apostólico; outros caminhos e novos desafios com sabor de regresso à frescura permanente do Evangelho. Assim, por certo, surgirão comunidades mais inquietas que levarão para o altar as dores dos sem-família, dos sem-casa, dos sem-pão, sem-companhia e sem-esperança. Aparecerão mais vocações de serviço e para o serviço do Evangelho, em estruturas novas e aproximadas. Surgirão gestos carregados de audácia evangélica: «Deixa a tua terra e parte...» Os gritos dos miúdos votados ao abandono nos bairros degradados das nossas grandes cidades não encontram eco no coração dos que, mesmo ao lado, apressadamente, correm para a Igreja. Há-de esta velha Europa cheia de contradições voltar a peregrinar como nos tempos de outrora, e de abrir os seus celeiros de pão e saber aos famintos do mundo para que não se asfixie e sucumba.

Estaremos sonhando ou terá ecoado bem perto o sinal do jubileu?

Padre João



Um belo recanto da Casa do Gaiato de Beire, no Calvário.

CALVÁRIO

As rosas choram

O sol já clareia esta manhã fria.

De peito levantado, com uma rosa a sair do bolso da camisa, o Carlos vem direito a mim e saúda-me.

— Onde foste arranjar essa rosa bonita? — pergunto-lhe.

- Fui ao canteiro.
- Não devias fazê-lo.
- Porquê?
- Anda ver.

O orvalho da noite caiu forte e as rosas derramam ainda gotas de água sobre a relva.

— Estás a ver? As rosas estão a chorar porque lhes roubaste uma companheira.

— E estão mesmo! Para outra vez, não colho.

O Carlos chora. Olha para mim e sorri.

Este rapaz é uma criança grande e guarda a simplicidade e a candura da criança.

Cresceu mas não deixou de ser menino.

Um dos erros humanos é perder-se a memória do passado. O homem para o ser verdadeiramente, deve guardar o bom da sua vida. E o melhor dela é a infância.

Guardar o jovem que fomos, é continuar com a alegria de viver, é ter ideal e esperança.

E então sim: o adulto não será apenas o homem grande, mas o homem completo que possui a riqueza acumulada. As plantas vão todos os dias beber o seu viver às raízes. E as flores que desabrocham têm nelas a sua origem.

O crescimento humano deve ter também como base a

aceitação do que temos sido, com os defeitos e os limites da condição humana, mas igualmente com riqueza interior que nos foi dada e que partilhámos com aqueles com quem temos convivido.

Aceitar o passado, corrigindo-o porventura, mas aproveitando-o, é encontrar forças para melhor construir o futuro.

O homem de hoje anda numa busca incessante de

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

RECADOS — No regresso de visitas domiciliárias, vicentinos há que não resistem a dar logo recados de seus Pobres. Especialmente no que toca à situação dos doentes e dos remédios necessários: — *F. precisa de medicamentos no valor de x; outro ou outros, no valor de y...*

A factura mensal emitida pela botica ronda, em média, setenta ou oitenta contos; boa parte destinados a pacientes idosos. No entanto, até à Primavera, prevemos um encargo mensal maior.

Sendo nós porta-vozes dos Pobres — temo-lo dito muitas vezes — que seria deles se não pudéssemos aliviar a sua cruz, neste particular sempre tão pesada!

Aliás, o que se passa aqui é, por igual, em todo o Mundo que sofre. Alguns Pobres nunca teriam quê para se tratarem. A pensão social é de vinte e poucos contos...

A propósito: recolhemos um retalho de uma Revista castelhana, sobre *Jornadas de Bioética*, em Sevilha, que tiveram por objectivo *«analisar as causas que originam a miséria e a exclusão social nos povos e culturas mais desfavorecidos do Planeta, já que o Mundo caminha a passos largos para uma globalização económica que cria enormes diferenças entre sociedades distintas. — Como e de que modo se poderá motivar a promoção social dos Pobres? — Qual o papel dos cristãos neste novo contexto? Foram perguntas apresentadas durante o Encontro».*

«Entre as alternativas de acção sanitária, não se perdeu de vista, na generalidade, as implicações entre os problemas da Saúde e as condições socioeconómicas das populações, com o objectivo de se promover a reflexão ética da Justiça como valor social e o direito de assistência sanitária como exigência humana».

No debate sobre desigualdades sociais, alguém acentuou que *«a Saúde necessita duma relação fraternal e solidária. A Miséria ainda é a primeira enfermidade em todo o Mundo e o combate contra ela a forma mais eficaz de se lutar pela Saúde individual e colectiva».*

A VOZ DO PAPA — Dirigida a peregrinos: *«Para que o anúncio de Cristo consiga mais profundidade, acompanhai toda a iniciativa apostólica com um trabalho incessante de promoção humana. E o vosso comportamento edifique um clima favorável para uma sociedade civil ordenada e respeitadora dos direitos e deveres de cada um».*

A Emigrantes: *«Na Igreja ninguém é estrangeiro nem hóspede porque somos concí-*

dadãos dos santos e familiares de Deus. O mesmo Filho de Deus, vindo viver entre nós, fez-Se peregrino no Mundo e na História. Devemos receber Cristo no irmão ou irmã provados pela necessidade, já que esta é a condição para O vermos cara a cara ao terminarmos o nosso caminho terreno».

Às Famílias: *«São um dom de Deus. Os filhos, a primavera da Família e da Sociedade. Não um acessório no projecto de vida conjugal, muito menos uma coisa opcional».* Acrescentou: *«Os filhos são um dom precioso, inscrito na estrutura da união conjugal».* Depois, insistiu no direito dos filhos a nascer e crescer. E, do Livro do Génesis (Antigo Testamento), recordou que *«não é bom o homem estar só»* — citando a frase bíblica: *«O homem deixará seu pai e sua mãe e unir-se-á à sua mulher e os dois serão uma só carne».* O termo *«carne»* não implica só a parte física, mas também a *«identidade global do espírito e do corpo».* Neste encontro, na Praça de S. Pedro, João Paulo II saudou duas famílias portuguesas.

PARTILHA — A assinante 5963, de Paço de Arcos, manda a oferta de Agosto/Setembro *«acrescida duma lembrança do Jubileu»*, partilhando também um peso na consciência: *«Será que o Jubileu, prestes a terminar, trouxe alguma bênção, como era suposto, para os encarcerados, abandonados, excluídos, isolados? Todos estes preferidos de Jesus sentiram alguma coisa de diferente num ano tão cheio de peregrinações e celebrações? Porque não uma celebração do Jubileu com dívidas de sangue, visitas a doentes e presos, ajudas concretas aos mais pobres? E se não me enganei quanto ao sentido do Jubileu, o seu fim último era receber a Misericórdia de Deus, mas penso que deveríamos, com mais intensidade, reflecti-la para os outros».*

Guimarães: *«Uma pequena lembrança do assinante 19148, sufragando a alma da esposa, que gostaria fosse aplicada em qualquer doente oncológico mais carenciado».*

Assinante 31211, de Matosinhos, com *«pequena ajuda para acudir a uma necessidade urgente».* Retribuímos o grande abraço pela Ordenação do nosso Manuel Mendes. E, também, à assinante 32897, de Cardigos.

Ovar: o costume, do assinante 42971.

Quinze mil, da assinante 9708, de Coimbra, para *«o que for mais necessário e por alma de meus pais»*, disse.

Porto, o assinante 60848, com mil escudos: *«Espero oportunamente dar nova contribuição».*

Em nome da assinante 47307, de Juncal (Porto de Mós), *«uma pequena lembrança oferecida como intenção missionária, no mês de Outubro».*

Outra vez Porto, com dez mil, do assinante 13862, *«respeitante à minha oferta do mês de Novembro».*

Perosinho (V. N. Gaia): *«pequenina ajuda, de quinze mil escudos, do assinante 9790»*, lembrando, no mês dos Fiéis, os seus familiares no Reino dos Justos.

Fecha a coluna o assinante 53241, do Luso, com cinco mil: *«Basta a comunicação na parte noticiosa da Conferência, só para saber se o cheque chegou ao seu destino».*

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: *Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.*

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VISITANTES — Estamos perto do Natal e, agora, recebemos mais visitantes que vêm ver como somos e como funciona a Casa. Vendo, também, os nossos trabalhos com muito carinho. Por isso, sentem afecto por cada gaiato que encontram na visita. Podemos dizer que saem satisfeitos de nossa Casa.

DESPORTO — Os companheiros mais novos continuam sem perder! E os mais velhos estão a melhorar tecnicamente. Temos já uma equipa razoável.

À Federação Portuguesa de Hoquei, nomeadamente ao Professor Manuel Botelho, agradecemos os equipamentos e materiais desportivos que nos ofereceram.

Agradecemos, também, a Elói Ferreira, Lda. e à New Solutions a oferta de mais outro equipamento.

Por fim, estamos gratos a todas as pessoas que apoiam o nosso Grupo Desportivo.

TEMPO — A nossa Aldeia ficou algumas vezes sem luz, devido ao mau tempo.

No pomar, uma árvore caiu,

Riqueza interior

*Sou tão pobre por fora
E bem rico por dentro!*

*Meu amor, chegou a hora
Da verdade que te mora
No coração, bem no centro
Da sua grande alma.
E me falar com calma
Da vida que viveu
Enquanto fui embora.*

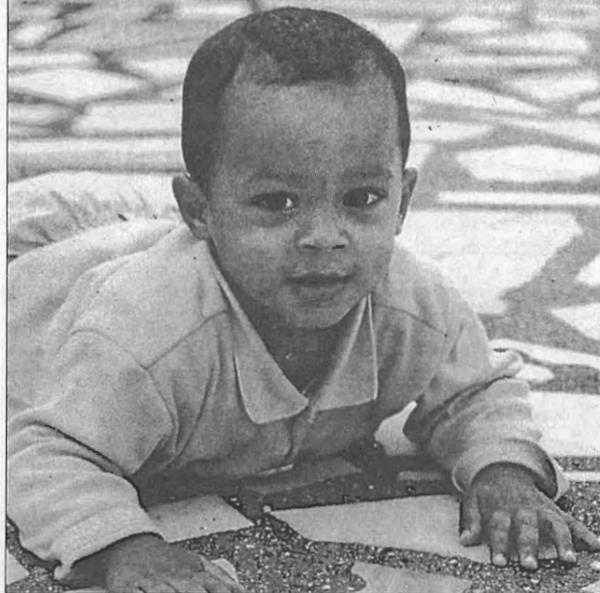
*Agora, aqui estou de novo:
Quero saber do amor
Com que responde ao meu.
Minha pobreza exterior
É a vista dos seus olhos...?
Ou a riqueza interior
Motivo do seu amor,
Vereda que nos conduz?*

Orlando



Francisco Silva, filho de Eva e José Carlos.

Paulo Virgílio, filho de Paula Oliveira e de Paulo Virgílio.



mas, de resto, correu tudo bem.

ROUBOS — Temos sido roubados por pessoas que não nos querem bem...

Comunicámos tudo aos nossos superiores e temos já um suspeito. Agora, é só confirmá-lo realmente.

«Martelo»

SETÚBAL

«PEDRADAS» — De vez em quando, há pedradas cá em Casa.

O Padre Acílio está sempre a dizer: *«Não se mandam pedras a ninguém e a nada que a gente não sabe onde vão bater as pedras».*

Ontem foi o Tiago para o hospital coser a testa com três pontos. Hoje, o Fábio Trancolino.

O António é sempre o mais atrevido. Atirou-lhe com uma pedra, fez-lhe uma ferida na cara e um corte na sobrancelha de cima. Dores, despesas e trabalhos, tudo por falta de juízo do António que já tem nove anos!

DISTRIBUIÇÃO D'O GAIATO — É sempre um quebra-cabeças! Há semanas



Grupo pronto a avançar para a cidade de Malanje — Angola.

Cartas

Estou longe...

«Continuo a receber as vossas notícias; é maravilhosa a leitura d'O GAIATO que tanto nos traz...! Leio e releio o Jornal e queria estar mais perto para vos ajudar.

Como gostava de assistir a uma das vossas Festas...! Estou longe, em Benoni (África do Sul), não vou na altura em que as fazem. Contento-me com a leitura dos vossos escritos — que me encantam. Queria que todos lessem e meditassem;

e, assim, seria a preparação de um mundo melhor.

Junto uma gota de água para onde houver mais sede...

Assinante 18754»

Mãe de três filhos

«Há poucos dias, deram-me o vosso Jornal que li com atenção porque gosto muito de o ler. Sou casada, mãe de três filhos maravilhosos porque as crianças são a coisa mais preciosa — se as soubermos tratar. Têm de ser tratadas com

muito amor, muito carinho; por isso, gostaria de começar a receber O GAIATO.

Assinante 61925»

Obrigado

«Obrigado por existirem como Obra. Nunca percam o entusiasmo.

Rezem por mim e pela minha família para que sejamos sãos de corpo e de alma, felizes e simples.

Assinante 60864»

Oh delicadeza!

«Envio: dois pares de sapatos, duas saias e um vestido de Verão.

É tudo muito limpo. Eram de meu próprio uso. Só que eu perdi a... 'elegância', e agora nada me serve.

Como está tudo em muito bom estado, não enderecei para a Conferência Vicentina, pois talvez faça jeito a esposas ou familiares de gaiatos que necessitem, e que estejam mais em contacto convosco, e que sai-

bam cuidar melhor desta roupa.

Contudo, o vosso critério prevalecerá.

Uma Maria do Porto»

Família numerosa

«Há cinquenta anos que leio o vosso jornal, pois tenho assinatura.

Quando surgem despesas inadiáveis falto com o meu dever de vos escrever mensalmente.

Os oitenta e quatro anos, pouca saúde e uma família numerosa, às vezes, levamos a descurar as nossas obrigações.

Assinante 16123»

Um recorte

«Junto um recorte do Património dos Pobres, publicado n'O GAIATO, de 4-12-99, para que, mais facilmente, possam situar a família em que o marido e pai sofre de tuberculose e tem de trabalhar para

Calvário

Continuação da página 1

caminhos a percorrer. E sente-se tantas vezes perdido na floresta humana em que vagueia.

A razão maior desta insatisfação resulta disto mesmo: do corte com o passado. Os jovens não aceitam o seu passado, nem querem jamais o regresso ao passado. Mas sem ele não temos identidade sequer. Houve coisas más que explicam os nossos males; mas houve coisas muito boas, certamente, de que podemos e devemos usufruir o proveito.

É, pois, bom regressar à criança que fomos para encontrarmos o lado bom e são da nossa vida.

As rosas derramam orvalho pela manhã, mas ao longo do dia transpiram, no colorido das pétalas, a seiva que sugam das raízes da planta.

Padre Baptista

angariar o sustento do seu agregado.

É a esta família que, em princípio, se destina o donativo que remeto.

Agradeço que o encaminhe para essas pessoas. Deixo, no entanto, ao seu

critério a possibilidade de dar àquela quantia outro destino que entenda mais conveniente. Peço ao Senhor por todos os que trabalham na Obra da Rua.

Assinante 68659»

PENSAMENTO

O Evangelho amaldiçoa o mundo. Cristo Jesus não manda orar pelo mundo, mas somente pelos que nele vivem.

PAI AMÉRICO

um distribuidor inventou um assalto. — Fui assaltado, dizia o rapaz. Só que depois apareceram coisas em vários sítios, dinheiro achado e mais coisas. Veio depois a descobrir-se que o assalto foi uma invenção. Os companheiros foram chamados a contas e encontrou-se muita avaria. Agora, as coisas andam bem. Vamos a ver até quando.

PRENDAS — Os distribuidores do nosso Jornal trazem prendas que os Amigos lhes dão. Acontece que, às vezes, não se trata de prendas mas de compras com o dinheiro do Jornal. — Então, como se resolve o problema? — É fácil: Ao receber uma prenda cada um pede ao seu Amigo(a) que escreva um papel a dizer que deu isto a fulano. O rapaz traz a prenda e o documento. Assim, vivemos todos em paz.

FUTEBOL — Não sei se foi pela Escola Primária, se por quem, o que sei é que há quatro treinadores para os pequenos da Primária. Vêm aos sábados, às três da tarde. É um cada sábado. Juntam os pequenos no campo de futebol. Fazem-nos correr e, depois, jogam. Nem todos engrenam. Alguns gozam e o treinador vê-se à rasca com os miúdos.

SALEIROS — Os carpinteiros fizeram sete saleiros de madeira para o gado. Encaixaram-nos muito bem nos corredores e, agora, põe-se um balde de sal em cada saleiro. As vacas e as vitelas e os bois quando lhes apetece vão ao saleiro comer sal. É muito bonito ver o gado a lamber a boca depois de lamber o sal. De seguida, vão beber água nos bebedouros. A nossa vacaria está cada vez mais bonita!

ELEIÇÕES — Houve na casa dois. O chefe foi para a Universidade e só vem ao fim-de-semana; ou, quando tem semestre, só de quinze em quinze dias. O Osvaldo que o substituiu, é cozinheiro num restaurante e só está em Casa de manhã. À noite, só no dia da sua folga à segunda-feira. A



Casa do Gaiato de Benguela: Recolha do algodão.

malta ficou à deriva na casa dois. Juntaram-se todos, ao serão, e vá de eleger um chefe e apresentá-lo ao Padre Acílio.

Foi o Ricardo Félix quem teve mais votos. A seguir, o Zé Custódio; e, depois, o «Robocopo».

Agora, a casa dois tem um chefe e dois sub-chefes. Parabéns aos eleitos. Não tenham medo de assumir as responsabilidades!

IBRAIM — É dos mais reguilas cá em Casa! Não gosta do trabalho e, por isso, anda sempre em guerra com os outros. Já tem treze anos. Era para ser mais homem. Mas não. Às vezes, lá vem um dia ou outro em que a vida lhe corre melhor, mas são raros os dias.

Anda com uma ferida no joelho e a D. Isaura a tratá-lo. Quem tinha sempre de chamar o doente para o curativo era a senhora. Ela aborreceu-se e deixou de o chamar. A ferida fez crosta e estava quase boa. À mesa, Ibraim começou a arrancar a crosta com as unhas.

— Não faças isso, Ibraim! Olha que, depois, pode infectar!, dizia-lhe o chefe da mesa.

De propósito, arrancou e a ferida infectou!

Era vê-lo a chorar, de volta de D. Isaura, com a perna esticada a pedir que o levassem ao hospital. Parecia que o rapaz tinha partido o joelho, tão aleijado se fazia! A senhora tratou-o. Esteve na salinha das senhoras dois dias. Meteu uma embalagem de tulicreme nas cuecas. Foi posto na rua, da salinha para fora, e ficou logo bom da perna. Agora, corre que nem um galgo! Deve ter sido o tulicreme que o curou.

Repórter zero

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Os gémeos já nasceram. Felizmente correu tudo bem, apesar de ter sido um parto prematuro. Agora, são mais duas boquinhas para ajudar. Os pais estão radiantes e reconhecem que as suas vidas têm de

mudar, uma vez que os encargos vão aumentar.

Esperamos que a mãe consiga amamentar as meninas com o seu leite, senão teremos de ajudar na compra do enlatado — muito caro! Iremos, também, saber dos seus direitos na Segurança Social porque temos consciência de que muitos Pobres desconhecem que têm direitos que nunca usufruíram.

Temos outra Pobre que espera bebé, para breve. É família muito carenciada com três filhos. Ele e ela são um pouco desequilibrados, mas os vicentinos têm feito tudo o que está ao seu alcance para os encaminhar. As crianças estão num infantário durante o dia. Pelo menos, assim, temos a certeza de que são alimentadas.

Outra família: uma mãe com três filhos, dois do primeiro casamento e o terceiro de outro companheiro. Nenhum deles a ajuda no sustento das crianças e, por isso, a senhora está com bastantes dificuldades, uma vez que tem de pagar a renda da casa, também. Trabalha em limpezas, mas não é o suficiente. Recorreu à assistente

social da zona onde vive e à Junta de Freguesia. Só que esta, disseram, não tem verba! Será possível?

Nós não recebemos os Pobres em gabinetes porque não os temos; o nosso trabalho — voluntário — é ir a casa deles constatar os seus problemas e carências. Temos de ter a certeza que não estamos a alimentar vícios e, mesmo assim, às vezes, somos surpreendidos.

Aproxima-se o Natal. Estamos todos num período difícil, mas contamos com a vossa ajuda, a fim de podermos proporcionar aos mais carenciados um dia diferente.

Sabemos que todos os dias são importantes, em suas vidas, mas não nos podemos esquecer de que temos de assegurar subsistência a estas famílias.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Assinante 67314, carrinho duplo para as

gêmeas, mais um cheque. Assinante 20185, um cheque. Amiga, do Centro Paroquial de S. Lázaro, 1.000\$00. Monção, cheque de 2.000\$00. Assinante 9217, 10.000\$00. Assinante 24608, 10.000\$00. Amiga, de Fiães, o donativo habitual. Assinante 14708, cheque de 10.000\$00. Anónima, 5.000\$00. Todos os confrades agradecem as vossas palavras amigas. E bem hajam.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Casal vicentino

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Novembro, 64.700 exemplares.

RETALHOS DE VIDA

Mário



Eu sou o Mário Fernandes da Silva, natural de Alhandra, perto de Vila Franca de Xira. Tenho treze anos. Ando no sexto ano do Ensino Básico.

Vim para a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo porque não sabia do meu pai, nem sequer o conhecia, e a minha mãe não tinha possibilidades para me ter em casa.

Tenho ainda mais três irmãos que também estão comigo, na Casa do Gaiato.

Quando vim para aqui, a malta acolheu-me muito bem. Senti vontade de ficar, como fiquei, nesta Casa tão bonita, para eu aprender... a ser um homem.

Logo de manhã vou para a Escola, estudar. Gosto muito de estar nesta Casa!

O que eu mais desejaria ser, quando for maior, seria camionista ou condutor de maquinaria.

Mário Fernandes da Silva

SETÚBAL

«Santiago»

«**O**LHAR para o rapaz com o olhar de Jesus» escreveu o Padre Américo em momentos de angústia lúcida. É o maior compromisso que alguém pode assumir! É o melhor método pedagógico. Deste olhar nasce a natureza de uma Casa do Gaiato, a qual não se confunde, de forma alguma, com qualquer «instituição».

O «Santiago» veio do Seixal, trazido pela D. Maria do Carmo, com a aflição do Pároco.

Com cinco anos, vinha de fraldas. A sua cor macilenta denunciava uma profunda anemia provocada pela fome sofrida até então.

Com esta idade, aqui em Casa, o menino não vai usar fralda — disse à senhora enquanto o recebia.

Se acontecer sujar-se, a gente lava-o.

Quinze dias depois tinha o intestino normalizado e um mês após, nem na cama se molhava.

Comeu muito tempo a meu lado, à mesa, para se adaptar a mim e eu a ele. Para vigiar a sua alimentação e forçar um pouco o seu pequenino estômago.

Assim costumo começar uma afeição individual e singular por cada rapaz.

O seu nome é Sandro Tiago. Como falava depressa, à maneira de criança, o som da sua encantadora boca chegava aos nossos ouvidos — «Santiago».

É um apelido tão lindo que nos caiu mais facilmente no coração.

Alegre, mexido, sempre bem disposto, tem a simpatia de todos.

Agora, anda radiante por frequentar também a Academia de Dança Contemporânea de Setúbal.

Tinha connosco um irmão, o Luís Amaro, que fugiu de cá muitas vezes. A pedido do Pároco ainda experimentou a Casa do Gaiato de Lisboa de onde também fugiu várias vezes, sem que tivesse terminado o sexto ano de escolaridade.

Ninguém lhe valeu, nem a ele nem a nós. Ficou por lá, à deriva. Há dias, foi visto por um distribuidor d'O GAIATO, num café de Setúbal. Em meados de noventa e oito, a mãe com o padrasto e o referido irmão acercaram-se do «Santiago» com a intenção de

o levar, que «ele era aqui maltratado». Claro que não deixei.

Não fossem os rapazes, eu teria levado pancada e o menino abalaria.

Por alturas do passado Natal, a mãe com a mesma companhia mais um indivíduo com fama de aliciador de crianças para a prostituição, roubaram-no durante um recreio sem que dessemos fé.

Esqueci tudo!... Desvairado, fui prò Seixal. Com D. Maria do Carmo socorremos-nos da Polfícia, e vinte e quatro horas depois, o menino estava em nossa Casa. Seduziram-no. Puseram-no a conduzir um automóvel. «Eu já sei guiar um carro!», contava-me o «Santiago».

O auto da Polícia foi para o Tribunal e lá estamos nós nas mãos da Justiça!

Onde eu me fui meter!...

Aparece o Instituto de Reinserção Social a querer ouvir a criança sozinha, e eu a dizer que não. Só na minha presença.

Sinto um dever quase natural de o defender. Foi para isso que tomei sobre mim, há mais de quatro décadas, os filhos dos Pobres, sem qualquer ganho que não seja Deus.

Tenho tão má experiência desta intromissão que nos nivela a qualquer centro ou colégio do Estado.

O Tribunal de Família e Menores de Lisboa mandou-me chamar, e ao Sandro Tiago. Lá fomos de boa fé.

Surpreendido, quem encontro no sétimo

andar daquele edifício novo de Lisboa?...

— Um Doutor do Instituto de Reinserção Social de Setúbal.

Deslocou-se para interrogar a criança na presença de duas magistradas e uma escrivã, num gabinete fechado, sós com o menino.

Assustadíssimo, o Sandro não fez mais que chorar.

— Então que te perguntaram? — indaguei à sua chegada ao pé de mim.

— *Se me batia com um pau, se me dava jejum a pão e água e mais coisas.*

A gente fica incomodado!

Uma criança é uma criança!... O que ela diz tem sempre e somente a sua medida. Mas dói!...

Até penso que as pessoas não agem por mal! Não sentem!... No cumprimento da sua suposta missão não intuem o mal que fazem.

Trabalho e amo unicamente por amor da criança desamparada onde mora Jesus, meu Senhor e Patrão. As forças do Estado que assim nos tratam, destroem a sua autoridade e exibem a sua força.

Que hei-de fazer quando a pedido da autoridade judicial os agentes da Segurança Social me pedem para acolher uma criança ou dezenas delas maltratadas?

Nós que não temos nem queremos acordos com o Estado e, nesta Casa já fizemos de crianças da rua mais de mil homens, reivindicamos, pelo menos, o seu respeito.

Padre Acílio

Continuação da página 1

que, procurada prioritariamente, sempre trará tudo o mais por acréscimo». Foi o Senhor Jesus que o disse e o Evangelho guarda.

Vem isto a propósito de um documento recebido da União das IPSS que me deu particular alegria porque, em

O Ser e o Fazer Social

vez de números e tabelas, traz doutrina e um alerta importante: «Decididamente, temos de saber ler estes 'sinais' e promover um debate aprofundado sobre o nosso ser e fazer Social».

Este advérbio «decididamente» significa um portanto a concluir de premissas expostas no texto que, por longo, não transcrevo, mas resumo: «A apetência dos defensores de uma maior estatização»; e uma campanha insidiosa de entidades tradicionais na oposição à Igreja — e como a grande maioria das IPSS tem raízes eclesiais...!

Mas há dois parágrafos deste documento que não me privo de citar em ordem ao «convite» que o documento faz «a um debate interior no seio de cada Instituição» sobre o seu «Ser e Fazer Social»:

1 — «Julgamos que se torna urgente encetar em cada Instituição um processo de reflexão interna sobre a sua própria identidade, orientado de modo particular para o

compromisso da viabilidade de cooperação com o Estado, em alternativa à prossecução das finalidades estatutárias de forma independente e sem qualquer recurso ao erário público.»

2 — «Uma leitura atenta e criteriosa dos 'sinais dos tempos' leva-nos a admitir que, eventualmente, talvez tenhamos de ser cada vez menos actores sociais e gestores de equipamentos, para nos tornarmos cada vez mais promotores de solidariedade, seguindo o lema: menos acção directa... mais movimento social!»

Penso que sim, que será bem... Como aceito igualmente quão «difícil é o dilema» que se põe, pois, «se é relativamente fácil falar sobre a pobreza em abstracto, custa muito passar ao lado do Pobre em concreto sem lhe dar a mão!»

Padre Carlos

DOCTRINA

Obreiros do Evangelho



OCUPADO com os trabalhos do pequeno Jornal que ora corre mundo — O GAIATO — mal tenho tempo de lançar mão da caneta e escrever estas mal notadas linhas. Vou ser breve. Não é nada fácil, mesmo nada, encontrar forma de variar quando se fala de um mesmo assunto, há uma dezena de anos; e eu venho a bater na mesma nota há um ror de tempo.

ESTE domingo que vem, conto subir ao altar da igreja da Imaculada Conceição, de onde o meu colega Padre Matos Soares tem tirado a pedra da sua formosíssima igreja. Quem havia de dizer? — pedreiros num altar! São filões divinos. É necessária muita audácia para os explorar; dinheiro não basta!

ELE há obreiros que só dão começo depois do dinheiro em caixa; e há obreiros que começam sem dinheiro para terem sempre dinheiro. São os obreiros do Evangelho. João Bosco tinha um pataco quando começou a igreja de Maria Auxiliadora. Pois eu vou também buscar um carro de pedra ao Marquês para as obras da Casa do Gaiato — e deixar mais pedra. As Missas do meio-dia e da uma hora são as escolhidas para os nossos trabalhos. Até lá.

P.S. — O Padre Abílio, do Bonfim, permite que eu vá dar um recado aos seus paroquianos, no dia de S. José, às Missas das 11 horas e meia hora. E eu desejo ir dá-lo.

Padre Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Fazer tanto com tão pouco!

GUIADOS pelo Pároco, fomos visitar uma família pobre que, vivendo do seu trabalho, tem vindo ao longo dos anos a melhorar a sua casa. A placa que serve de telhado da habitação, cada Inverno que começa, leva um pequeno arranjo, de modo que a humidade não penetre para o interior. Mas, este ano, está pior: tem sido um mudar constante da posição das camas, pois o pingar da água no interior dos quartos, leva a família a procurar proteger-se.

Vão procurando soluções para remediar, mas não conseguem melhorar a situação.

Foi a mãe das três crianças que são a prole do casal, que nos foi mostrar tudo. A tosse que amudadas vezes a atacava, dizia-nos que naquela humidade não podia haver saúde. E como pode ser fácil remediar esta situação?!

O marido, trabalhador da construção civil, veio depois falar connosco. Também ele estava agora de baixa, mos-

trando claros sinais de andar engripado. Estive para lhe perguntar porque não havia ainda feito o telhado, mas vendo o trabalho que já fizera e as condições do ambiente, não tive coragem.

Dissemos-lhe para fazer a relação do material necessário para cobrir a casa. Ele aplicá-lo-á, ajudado por companheiros e familiares. O Pároco levou a lista e deixou-a num comerciante que entende o negócio que estamos a fazer.

Pode-se fazer tanto com tão pouco!

Daqui a poucas semanas, esperamos ver ao longe, na encosta, o reflexo da cor laranja das telhas no fundo verde da natureza! E saber que aqueles cinco irmãos nossos, já vão poder passar a noite descansadamente, sem terem de andar a meio do sono a levantar-se e a refugiar-se das pingas da água da chuva que, para todos, devia ser doce cantar.

Queremos dar-te a alegria de que aquela família que tanto te inquietou,

porque não tinha com que pagar o terreno que adquirira e continua a braços com a doença de quem era o ganha-pão familiar, já começou a tratar do processo de autorização de construção da sua casa. Daqui a algum tempo, os alicerces hão-de ser lançados à terra e a casa começará a ver-se.

Com o Pároco, estivemos a falar do futuro e a ver que na situação presente, em casa dominada por humidades tantas, tem a doença campo largo por onde grassar.

Fomos também ver a situação da outra mãe e seus dois filhos, cujo marido continua dependente do álcool, a dar voltas e mais voltas à sua pequena casa, até que estejam terminados os trabalhos das obras e o aconchego possa melhorar as condições de vida. Mãe-coração, podemos dizer!

Padre Júlio